

“O DIÁRIO DE IZUMI SHIKIBU”, DE IZUMI SHIKIBU E O “DIÁRIO DO ÚLTIMO ANO”, DE FLORBELA ESPANCA: A NARRATIVA POÉTICA COMO MEMÓRIA DO EU.

Joy Nascimento Afonso (UNESP - Assis)¹

Resumo: O presente trabalho busca apresentar e comparar a narrativa poética dos diários de duas poetisas. A primeira, Izumi Shikibu (? 979 -? 1036), foi uma das maiores poetisas do século XII no Japão, narrado em 3ª pessoa, a corte amorosa feita com o Príncipe Atsumichi (981- 1007) por meio de suas cartas e poemas trocados por 10 meses, até a entrada triunfal da dama no palácio a convite do príncipe. Em paralelo ao “Diário do último ano”, escrito pela, também poetisa, Florbela Espanca (1894 – 1930), que traz o último ano da autora, no qual descreve sua luta interior em se manter viva após tantas decepções vividas.

Palavras-chave: Diários; Izumi Shikibu; Florbela Espanca; Literatura intimista;

Introdução

Gênero atualmente discutido e pesquisado com mais afinco, o diário tem sido tema de muitos questionamentos, tanto por sua estrutura, que não necessariamente segue um padrão fixo, quanto por sua legitimidade literária, visto que há ainda que discuta a genuinidade dessa produção de cunho memorialístico e confessional.

Para a proposta desse trabalho nos baseamos nas palavras de Marcelo Mathias (1997), em que o “diário possui, de fato, a particularidade única que não existe em nenhum outro texto literário de poder ser interrompido pela morte sem que por isso fique inacabado” (p. 47). No ensaio do autor português sobre a literatura diarística a base para essa produção será a memória, sendo assim, toda vez que nos debruçamos sobre os diários “trazemos a vida” as memórias e vivências desse autor, trazendo ao nosso presente, a fim de entender o passado ou ainda vislumbrando um futuro sobre a sociedade.

Como essas obras, de claro teor confessional se baseiam em lembranças rememoradas, ainda citando Mathias (1997), em todas “essas expressões a memória representa o elemento primacial que lhes serve de traço comum” (p.41). Sendo assim,

¹ Mestre em Língua, Literatura e Cultura Japonesa (USP), Doutoranda na Pós- Graduação Letras (UNESP – Assis). Professora de Língua e Literatura Japonesa, pelo Departamento de Letras Modernas, na UNESP - Assis. Contato: joynafonso@gmail.com.

temos acesso a um recorte também histórico social da época e vivência do autor, extremamente específico. Dessa forma é a “memória (que) elege a própria coerência narrativa através da sucessão de episódios que compõem os verdadeiros capítulos do livro” (MATHIAS, 1997, p. 43). O que reforça uma estrutura que não segue um padrão pré-determinado, visto que para cada indivíduo haverá uma forma de ordenar e ver as suas próprias memórias.

Embora na literatura ocidental o gênero diário ainda seja discutido sob um ponto de vista, por vezes, apenas histórico, na cultura japonesa desde o século XII, o gênero diarístico faz parte do cânone literário, estabelecido como *Nikki bungaku*, ou literalmente “Literatura de Diários”. Essa produção originada em meados do século X, no Japão, perpassa a transformação da escrita, em que as mulheres desenvolveram uma escrita cursiva – o *hiragana*, conhecida naquele momento como *onnade*, ou literalmente, escrita feminina, criada exclusivamente para exprimir em sua literatura os sentimentos tipicamente japoneses, em oposição à escrita chinesa, importada da China, reservada apenas para a descrição de tratados históricos e políticos.

Sendo assim, enquanto na Corte de Heian (794 – 1185), conhecido como o período áureo da cultura japonesa, as mulheres desenvolviam uma literatura ficcional e de entretenimento, juntamente com uma escrita tipicamente japonesa, a política e história do Japão eram transcritos em chinês. É nesse momento de desenvolvimento literário e da escrita japonesa que surge a “Literatura de Diários”, onde a vida da Corte, seus bastidores, e em especial da mulher japonesa será retratada.

Segundo Earl Miner (1968), estudioso dos diários clássicos japoneses, os diários são obras “que estão entre a autobiografia de um lado, e a história do outro. A autobiografia, no entanto, relatam a sua vida para os outros, e os diários para si mesmo” (p.38). Dessa forma, os diários, mais do que apenas o relato da vida de um indivíduo, trazem ao leitor discussões filosóficas sobre a condição humana, e sua busca em entender a si mesmo.

Ressaltando o valor lírico das obras japonesas, visto que apenas a classe nobre tinha acesso à educação, que se baseava na leitura e compilação de poesias chinesas e japonesas clássicas, ao termos acesso aos diários das nobres damas de Heian, podemos observar também que havia a mescla da poesia ao texto em prosa, o que revela o

domínio da arte poética naquele momento, e como isso era acessível a apenas uma parte mínima da população japonesa.

Segundo Miner (1968), os diários clássicos japoneses seriam uma produção mais engajada, visto que na visão dos diaristas japoneses, a “visão do que é mais significativo em grande parte filtra os eventos que o homem compartilha em um contexto público. Podemos dizer, grosso modo, que a literatura diarística japonesa enfatiza o amor ao invés do casamento, a morte em vez das batalhas mortais, a família ao invés da vida pública” (p.38). Dessa forma, apesar de termos acesso a vida social do autor do diário, nota-se na construção linguística traços da poesia clássica e da filosofia budista, que faziam parte da formação do autor e de sua visão sobre a vida.

O Diário de Izumi Shikibu

Para esta discussão trazemos um dos diários canônicos da produção japonesa supracitada, a fim de para apresentar a obra ao leitor brasileiro e destacar trechos que de alguma forma se aproximam ao “Diário do último ano” (1981) de Florbela Espanca.

O diário da autora japonesa foi produzido durante o período de 10 meses, desde o começo do verão de 1003, até o começo da primavera de 1004. Tendo como mote principal a corte amorosa entre a autora e o Príncipe Atsumichi (980 – 1007). Na época em que se passa a narrativa, Izumi Shikibu ((? 979 -? 1036), era a viúva de Tametaka (77 – 1002), irmão mais velho do príncipe Atsumichi. Tametaka falecera um ano antes, ao contrair uma doença contagiosa quando saía pela cidade, que sofria de uma epidemia, para ir visitar a dama. Após a morte de Tametaka, a dama volta a morar com os pais e irmãos, levando consigo a filha do 1º casamento, que havia contraído com o governador da província de Izumi, de onde deriva o primeiro nome da autora. O segundo nome, *Shikibu*, faz referência ao cargo do pai, que servia na Corte de Heian (794 – 1185) como Mestre de Cerimoniais.

Sob esse panorama desprezo social, por ser vista como a causadora da morte do príncipe mais velho, e vergonha por já ter contraído dois casamentos, que se dá a relação da poetisa, da qual não sabemos nem mesmo o nome real, pois que conhecida pelo nome que fazia jus ao ex-marido e ao pai, que teremos uma visão única das regras sociais da Corte de Heian, do papel social feminino e de como se dá esse inusitado relacionamento.

A autora embora uma reconhecida poetisa daquela época, sofria como todas as mulheres daquele período, da necessidade de ter uma figura masculina como seu protetor. Embora tenha retornado a casa do pai, após a morte de Tametaka, Izumi Shikibu carregava consigo o estigma de ser a uma mulher viúva e sem filhos do falecido marido. Para muitas damas o único caminho seria a resignação religiosa, no entanto, por uma brincadeira do destino, surge um novo amor na vida da poetisa, que mais do que uma forma de sair do “limbo social” no qual ela estava inserida, também lhe traz prestígio e ascensão social, possível apenas para as mulheres que se casassem com os nobres da família imperial.

A obra, escrita em 3ª pessoa, mescla na narrativa em prosa as cartas trocadas entre os amantes, e nessas cartas, poesias clássicas e referências a obras clássicas. Ou seja, dentro dessa obra temos o entrecruzamento da narrativa em prosa - próximo à estrutura romanesca, a poesia contida nas cartas, e as missivas dos amantes, o que tornando o texto dinâmico dado a multiplicidade de entrelaçamentos narrativos.

Acreditamos que o objetivo da autora, ao optar em narrar o seu diário em terceira pessoa se dá pelo fato de dar mais veracidade ao seu relato, ressaltando o fator “destino” que uniria o casal apesar da oposição social. E a fim de que o leitor da época atestasse a sinceridade contida nas cartas trocadas entre o casal, provando a inteligência e sentimentos do príncipe, dado as construções líricas de sua escrita. São 144 poemas - carta trocados entre o casal, com comentários que explicam o contexto – as mudanças climáticas que envolviam o texto, revelando não apenas a habilidade da poetisa e do príncipe, mas principalmente revelam os fatores sociais e históricos do século XI, no Japão. Conforme observamos no trecho de abertura da obra:

Recordando aqueles amores desvanecidos por essa fragilidade que tem os sonhos, passava os dias e as noites entre lamentos que não faziam mais que atizar a dor de seu coração. Assim, sem perceber, transcorreu o décimo dia do quarto mês, a época quando se pode observar como dia a dia cresce a sombra das folhas de algumas árvores, cada vez mais frondosas. Como lhe comoviam essas ervas que sem chamar a atenção de outras pessoas, cresciam exuberantes na parede do jardim! De repente, foram ouvidos os passos de alguém do outro lado da sebe da cerca. Quem será? Quando ele deixou ser visto, descobriu-se que era o pajem que servira o príncipe falecido. (IZUMI SHIKIBU, Trad. Carlos Rubio, 2017, p.77 e 78).

Podemos notar que embora se trate de uma narrativa em prosa o lirismo, que fazia parte da formação da autora, perpassa ele longo trecho, criando um paralelo simbólico da vida de Izumi com a natureza que floresce exuberante na primavera. Da mesma forma, haveria um destino de mudança trazida com essa mudança de estações, por meio dos sons de passos vindos de fora da casa.

A poetisa trava um breve diálogo com pajem que servira ao seu falecido marido e que agora serve o irmão mais novo, alegrando-se que o servo não ficara desamparado após a morte de seu senhor. Dito isto, o pajem elogia o falecido amo e ressalta a amabilidade do atual senhor, que lhe pedira o favor de trazer um ramo de flores de laranjeira. Que naquele momento simbolizava não apenas uma homenagem à memória do defunto, mas também sondaria a reação da dama e seu nível de elegância. Conforme o trecho: “Logo que o pajem tomou o ramo de flor de laranjeira dos lábios da dama escaparam aquele famoso ultimo verso “das mangas daquele homem””. (IZUMI SHIKIBU, Trad. Carlos Rubio, 2017, p.79), que faz referência ao ultimo verso do famoso poema anônimo, de 139, que faz parte da *Antologia Poética Kokinshû*, cuja versão completa diz o seguinte: “Vou esperando/ a flor da tangerina/ que em maio chega./Como sinto saudades do aroma!/ das mangas daquele homem” (*KOKINSHÛ*, Trad. Carlos Rubio, p.130). No trecho supracitado fica claro o lirismo poético que percorrerá toda a narrativa.

Em resposta ao príncipe a regra seria que a poetisa lhe enviasse um poema que fizesse referência ao ramo de laranjeira, e a primavera. No entanto, a fim de que Atsumichi não a interpretasse mal, Izumi se vale de seu conhecimento profundo da poesia clássica japonesa, e que será a forma de sedução que utilizada por ela para instigar o príncipe, e lhe envia um poema que questiona as intenções dele.

Como seria vexatório responder em texto corrido, e como o príncipe tinha fama de cortejador, pensou que não haveria mal algum em lhe responder com um poema sem grandes pretensões:

Melhor que sentir / Um perfume profuso, Prefiro ouvir / Teu gorjeio rouxinol,/ Para ver se é igual.

O Príncipe ainda estava na varanda quando viu o menino à espreita como que querendo lhe falar e perguntou: “O que queres?”, ao que o menino lhe entregou a carta. Ele a leu e escreveu:

Sabei oh, dama! / Dois rouxinóis que juntos / Sempre cantaram Num mesmo e só galho, / Possuem vozes iguais.

(IZUMI SHIKIBU, Trad. Neide Nagae, p. 2 e 3).

Do trecho supracitado além da descrição do início da troca de cartas – poema entre o casal, que seria a base da comunicação entre os dois, também podemos observar como se dá as regras do cortejo naquele período, em que parte do homem o convite a dama e por meio das cartas com poemas *zōtōka*, em que um tema desencadeia a outro, mas mantendo o estilo e ambientação do poema anterior. O nível cultural dos amantes novamente nos é ressaltado, refletindo sua formação e forma de expressar esse universo cultural de nível altamente estético daquele momento.

Durante o relacionamento do casal, por conta das mudanças climáticas que causava atraso nas correspondências, visto que estas eram entregues por um pajem, ou ainda devido a comentários maldosos sobre a dama, o príncipe chega a se afastar de Izumi, que tem como única forma de se justificar e de manter viva a relação do casal a troca de poemas que estimula a inteligência do príncipe. Conforme trecho que segue,

O príncipe foi à casa da dama sem prévio aviso e, como nas outras vezes, em secreto. A dama, que não o esperava, se achava dormindo de tanto cansaço, devido às devoções religiosas dos últimos dias. Talvez, por isso, quando o pajem chamou discretamente a porta, ninguém saiu para abrir. Por outro lado, como o príncipe já estava certo de certas fofocas que corriam sobre a dama, imaginou que nesse momento talvez ela estiver ocupada com outro amante. Decidiu, portanto, retirar-se discretamente.

No dia seguinte, enviou a dama uma carta com estes versos:

*Ante a tua porta/ De madeira de cedro/ Esperei em vão/ Logo me fui,
com a prova/ De teu cruel coração.*

E ainda: “Não rejeitou a mim, mas sim ao amor. Como sofro em recorda-lo!”.

Quando recebeu essa mensagem, a dama compreendeu o que havia sucedido na véspera e lamentou vivamente, ter dormido quando chegou Sua Alteza. De imediato, lhe fez chegar uma carta com este poema:

*Como me podeis/ acusar de ter/ um coração cruel?/ Não sabias que
eu havia deixado/ a porta entreaberta?*

E acabou a carta com essas palavras: “Lamento que Sua Alteza suspeite de mim, dando créditos a infundados rumores. Assim como dizem aqueles famosos versos, eu teria te mostrado o que há dentro do meu coração” (IZUMI SHIKIBU, Trad. Carlos Rubio, 2017, p.92 e 93).

Nesse longo trecho supracitado notamos como se dava a relação do casal, que apesar de desejarem estar juntos, devido a posições sociais do príncipe e dos boatos sobre a posição da dama eram impedidos de vivenciar essa relação. Por outro lado, é a

poesia que servirá para as justificativas, explicações e discussões entre o casal, a prosa servirá apenas para explicar ao leitor o contexto em que elas se inserem.

Após muitas idas e vindas de Atsumichi e Izumi, o príncipe decide que não mais ouvirá os rumores sobre a dama e lhe assumirá publicamente.

Pensou em ir até a casa dela, mas, enquanto aguardava aromatizando as vestes, a ama-de-leite que o servia se aproximou e disse-lhe:

— Para onde ides? Ouvi as pessoas comentarem a respeito. Essa dama não tem uma condição tão elevada assim. Se vós pretendeis tomar-lhe préstimos é bom que a torne logo uma servidora. Essas andanças são deveras depreciáveis. A casa dela, em especial, é um lugar muito frequentado pelos homens. Fatos inesperados podem acontecer. Todas as coisas ruins começaram com o seu assessor. Seu falecido irmão também foi levado a essas andanças por ela. Não há motivos para que haja coisas boas ausentando-vos até altas horas da noite. Vou relatar ao Senhor sobre essa pessoa que o acompanha nas andanças. As coisas mudam de um dia para o outro e o Senhor tem alguns planos. Por isso, enquanto a situação não se firmar, é melhor não continuar com essas andanças.

Respondeu apenas: — Aonde vou? Apenas me distrair porque estou entediado. Nada que possa ser alvo de comentários. (IZUMI SHIKIBU, trad. Neide Nagae, p.09).

Nesse trecho fica claro que, embora Izumi estivesse isolada de toda a sociedade, o fato de ter escolhido amar um homem com hierarquia superior tornava-a mal vista socialmente. Talvez, por isso, a autora tenha escolhido o gênero diário, escrito em terceira pessoa para firmar a sua conquista e posição social, após tanta humilhação. Por isso, ao final do diário descreve a mudança de seu destino, quando é convidada pelo príncipe para viver com ele no Palácio em uma ala especial para ela.

O Príncipe respondeu:

Neste mundo/ cheio de desagradados,/ meu desejo/ é viver por um tempo/ menor possível.

E define, em segredo, o lugar em que acomodará a dona. Ele pensa: “Como não está habituada, deve se sentir pouco à vontade. As pessoas desta casa, com certeza, lhe dirão coisas desagradáveis. Mas agora, já estou indo buscá-la.” No dia 18 de dezembro, quando a lua brilhava clara, o Príncipe chegou como de costume e disse-lhe:

— Vamos comigo!

Ela, pensando que seria uma saída somente por aquela noite, subiu na carruagem.

O Príncipe comentou: — Leve alguém junto. Se for possível, quero conversar com calma. Então, ela pensou: “Ele não costuma dizer para levar acompanhantes. Será que pretende me fazer morar em sua casa?”

Levou, assim, uma criada. Foram a um lugar que não era o de sempre e tudo estava preparado para que ela morasse com os criados dela. Achando que aquela era mesmo a intenção dele, pensou: “Por que há necessidade de entrar na casa de maneira formal? Prefiro que as pessoas fiquem surpresas perguntando - se quando foi que passei a morar no palácio.” Ao amanhecer, mandou que buscassem sua caixa de pentes entre outras coisas.

Como o Príncipe estava naquele aposento, não ergueram as janelas basculantes. Não por receio, mas por incômodo, o Príncipe diz:

— Vou transferir-vos logo para o aposento do norte. Aqui é muito próximo da parte externa e não existe clima de serenidade. (IZUMI SHIKIBU, Trad. Neide Nagae, p.36).

O *Diário de Izumi Shikibu*, embora siga a tradição japonesa do gênero diário ressalta a luta de sua autora e sua ascensão social proveniente, principalmente de sua produção poética, que conquistou o príncipe. Sendo assim, mais do que o diário de uma dama da Corte de Heian, temos a trajetória da dama, de rechaçada socialmente para a alta nobreza. O casal, segundo fontes históricas permaneceriam juntos por mais dois anos, e ela escreveria mais de 100 poemas em homenagem ao seu amado nos anos que se seguiam.

O Diário do último ano

O *Diário do último ano* foi escrito no último ano de vida da poetisa portuguesa Florbela Espanca (1894 – 1930), e é narrado em 1ª pessoa. As páginas iniciais da obra são datadas de janeiro de 1930, encerrando-se no dia dois do mês de dezembro. A escritora falece no dia 8 do mesmo mês devido a uma sobredose de barbitúricos (antidepressivos). A obra é composta por trinta e dois fragmentos que são reflexões, confidências, comentários e anotações de Florbela, sendo considerado autobiográfico e ficcional, e só foi publicado na década de 80 (1981), após longa discussão sobre como se deu a morte da poetisa.

Diferentemente do *Diário de Izumi Shikibu*, sem nos adentrarmos profundamente na biografia da poetisa portuguesa, o *Diário do último ano*, embora escrito milhares de anos após o diário da autora japonesa, traz em seu conteúdo uma luta parecida com Izumi, na batalha em se manter viva frente às adversidades de sua vida, após a morte do irmão Apelles em um acidente de avião, desilusões amorosas e três abortos espontâneos que marcaram a trajetória de Florbela.

Era conhecido de todos que devido a essa intensa vivência social, a psique da autora havia sido prejudicada, sendo assim mais do que anotações do seu dia a dia o diário de Florbela ressalta a luta da autora com a sua mente e desejos de morte.

Janeiro 1930

11 – Para mim? Para ti? Para ninguém. Quero atirar para aqui, negligentemente, sem pretensões de estilo, sem análises filosóficas, o que os ouvidos dos outros não recolhem: reflexões, impressões, ideias, maneiras de ver, de sentir – todo o meu espírito paradoxal, talvez frívolo, talvez profundo.

Foram-se, há muito, os vinte anos, a época das análises, das complicadas dissecações interiores. Compreendi por fim que nada compreendi, que mesmo nada poderia ter compreendido de mim. Restam-nos os outros... talvez por eles possa chegar às infinitas possibilidades do meu ser misterioso, intangível, secreto.

Nas horas que se desagregam, que desfio entre os meus dedos parados, sou a que sabe sempre que horas são, que dia é, e o faz hoje, amanhã e depois. Não sinto deslizar o tempo através de mim, sou eu que deslizo através dele e sinto-me passar com consciência nítida dos minutos que passam e dos que se vão seguir” (ESPANCA, 1981, p.33)

No trecho supracitado podemos entender de forma clara o motivo da escrita do diário: a busca por entender a sua vida e as suas memórias. Há também uma grande dose de melancolia, revelando a tristeza e solidão dos últimos dias da autora. Enquanto Florbela olha para seus dias, o tempo e a si mesma são revelados.

ABRIL

20 – Ponho-me, às vezes, a olhar para o espelho e a examinar-me, feição por feição: os olhos, a boca, o modelado da fronte, a curva das pálpebras, a linha da face... E esta amálgama grosseira e feia, grotesca e miserável, saberia fazer versos? Ah, não! Existe outra coisa...mas o quê? Afinal, para que pensar? Viver é não saber que se vive. Procurar o sentido da vida, sem mesmo saber se algum sentido tem, é tarefa de poetas e de neurasténicos. Só uma visão de conjunto pode aproximar-se da verdade. Examinar em detalhe é criar novos detalhes. Por debaixo da cor está o desenho firme e só se encontra o que se não procura. Porque me não esqueço eu de viver.... para viver?” (ESPANCA, 1981, p. 53)

Nos meses em que se seguem, a autora vivia longe da cidade grande e retornara para Matosinhos a fim de ficar próxima ao mar e tratar de sua frágil saúde, descreve de forma lírica e profunda o desejo de entender a vida humana, em que ela resume como: “viver é não saber que se vive”. É no seu corpo que se transforma que a poetisa reflete as lutas e tristezas da vida, nada mais realista e profundo, visto que muito se criou sobre o mito da mulher fatal em torno da biografia da autora.

Em um trecho seguinte é a função das palavras e da escrita que a autora põe-se a discorrer:

JULHO

16 – Até hoje, todas as minhas cartas de amor não são mais que a realização da minha necessidade de fazer frases. Se o Prince Charmant vier, que lhe direi eu de novo, de sincero, de verdadeiramente sentido? Tão pobres somos que as mesmas palavras nos servem para exprimir a mentira e a verdade!” (ESPANCA, 1981, p.57)

Segundo esse excerto as palavras só servem para a realização egoísta de falar de si mesmo, sejam verdades ou mentiras. Nesse trecho há a possibilidade clara da comparação com os trechos retirados do *Diário de Izumi Shikibu*, em que diferentemente da poetisa portuguesa, Izumi se utiliza da escrita para se firmar e conquistar uma mudança em seu destino.

Nos dois últimos trechos do diário de Florbela já temos a decisão da autora, não em enfrentar a morte, mas sim em encontra-la, como se estivesse se preparando para esse encontro meses antes.

NOVEMBRO

20 – A morte definitiva ou a morte transfiguradora?
Mas que importa o que está para além?
Seja o que for, será melhor que o mundo!
Tudo será melhor do que esta vida!

24 – Há uma serenidade consciente da sua força na linha firme daquele perfil. As mãos têm raça e nobreza; o sorriso, ironia e bondade; os olhos.... não se examinam: deslumbram. Deve ter vivido dez vidas numa só vida. Há sonhos mortos, como violetas esmagadas, na pele fina e macerada das pálpebras. Que rastos deixarão na minha vida aqueles passos, silenciosos e seguros, que sabem o caminho, todos os caminhos da terra? (ESPANCA, 1981, p. 59 e 60)

No longo trecho acima esse encontro com um destino natural, assim como as “violetas esmagadas” já prenunciam o que acontecerá com a autora, que assim como as pequenas flores são esmagadas, suas memórias foram um turbilhão de questões dolorosas e pesadas.

DEZEMBRO

2- E não haver gestos novos nem palavras novas” (ESPANCA, 1981, p. 60)

Nesse último excerto da obra a poetisa chama a atenção para a não verbalização daquilo que lhe afligia, pois tudo se tornara rotineiro, até mesmo a dor.

Conclusões finais

Embora, ainda que de forma preliminar, pretendemos nesse trabalho demonstrar como ambas as poetisas, apesar da distância temporal e espacial, cada uma a sua forma através do gênero diário colocaram a sua luta por meio do lirismo poético entrelaçada a prosa.

Enquanto Izumi Shikibu, narra em 3ª pessoa a sua luta e vitória sobre as fofocas e descreve a sua ascensão pessoal na Corte de Heian, Florbela Espanca descreve em 1ª pessoa o mar profundo de melancolia que a autora adentrava, e que talvez fosse a forma que ela encontrou para encontrar a morte. Nem as palavras lhe causavam mais completude. Em oposto a isso, Izumi se utiliza de seu domínio da poética para seduzir o príncipe e alcançar uma posição de destaque.

Sendo assim, ao passo que Izumi Shikibu se dedica a poesia para se ver livre de um local social de humilhação e estar ao lado do homem que ama, Florbela se utiliza desse espaço lírico para prenunciar uma liberdade da vida e das memórias de dor.

Dessa forma, a literatura diarística nos permite observar como se dá a conexão da memória com a escrita entrelaçando prosa e poesia, liberdade e amor, vida e morte em um contínuo processo.

Referências bibliográficas

- ESPANCA, Florbela. **Diário do último ano**. Prefácio de Natália Correia. Lisboa: Livraria Bertrand, 1981.
- _____. **Sempre tua**. DAL FARRA, Maria Lúcia – apresentação, org. e notas. São Paulo: Iluminuras, 2012.
- IZUMI SHIKIBU. **El diario de la dama Izumi**. Trad. Akiko Imoto y Carlos Rubio. Gijón: Satori Ediciones, 2017.
- _____. **Diário de Izumi Shikibu**. Trad. Neide Nagae. 2017.
- MATHIAS, Marcelo Duarte. **Autobiografias e Diários**. In: Revista Colóquio/ Letras, nº 143-144, jan.1997, pp. 41 – 62.
- MILLER, Marilyn Jeanne. Nikki bungaku: Literary Diaries: Their Tradition and Their Influence on Modern Japanese Fiction. In: **World Literature Today**, Vol. 61, nº2, The Diary as Art (Spring, 1987), pp. 207 – 210.

MINER, Earl. The Traditions and Forms of the Japanese Poetic Diary. In: **Pacific Coast Philology**. Vol. 3 (Apr., 1968). Penn State University; pp. 38 – 48.